



“Vamos fazer um corre?” Relato de experiência de extensão universitária em um Centro Socioeducativo

“Vamos fazer um corre?” Experience report of an university extension in a Socio-Educational Center

Laura Lucca Givisiez

Graduanda do curso de Psicologia no Centro
Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais (Unileste)- Coronel Fabriciano- Minas Gerais- Brasil
Contato: laura_lucca@outlook.com

Stéfane Vieira Silva

Graduanda do curso de Psicologia no Centro
Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais (Unileste)- Coronel Fabriciano- Minas Gerais- Brasil
Contato: stefanevieira@hotmail.com

Vitória Fernandes Aguiar

Graduanda do curso de Psicologia no Centro
Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais (Unileste)- Coronel Fabriciano- Minas Gerais- Brasil
Contato: vitoriafaguiar_@outlook.com

Shyrleen Christieny Assunção Alves

Professora do curso de Psicologia no Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais (Unileste)- Coronel Fabriciano- Minas Gerais- Brasil
Contato: shyrleen@yahoo.com.br

RESUMO

O Projeto “Vamos fazer um corre?” com jovens autores de atos infracionais, vinculado a uma universidade privada de Coronel Fabriciano, ocorreu durante o segundo semestre de 2020, com adolescentes reclusos em um Centro Socioeducativo. Como consequência da pandemia do COVID-19, as intervenções aconteceram na modalidade remota, através do Google Meet, voltadas a um caráter didático-pedagógico. A principal demanda levantada pelos adolescentes referia-se ao “trabalho”, o que possibilitou a abordagem de vários temas, tais como: mercado de trabalho, projeto de futuro, cursos técnicos e profissionalizantes. Ademais, notou-se nos jovens o anseio por um futuro longe da criminalidade. Desse modo, foi possível resgatar um olhar para seus sonhos, pelo qual foram apresentadas as possibilidades de novas escolhas. Nos encontros, os adolescentes mostraram-se participativos e interessados. O projeto agregou positivamente na formação das discentes, visto que expôs a importância de se ter um olhar para esses jovens durante este período de pandemia, que é difícil para todos.

Palavras-chaves: Jovens Autores de Atos Infracionais, Projeto de Futuro, Didático-Pedagógico, COVID-19.

ABSTRACT

The “Vamos fazer um corre?” project with young authors of infractional acts, associated with a private university in Coronel Fabriciano, took place during the second semester of 2020, with adolescent secluded in a Socio-Educational Center. Due to the COVID-19 pandemic, the interventions occurred remotely, through Google Meet, focused on a didactic pedagogical nature. The main demand raised by the teenagers was related to “work”, through which it was possible to address several aspects related to this theme, such as the job market, a future project, technical and professional courses. In addition, it was noticed in young people the yearning for a future away from crime, so it was possible to recover hope in their dreams, presenting possibilities of new choices. At the meetings, the adolescents showed themselves to be participative and interested. The project was a positive addition to the student’s formation, since it exposed the importance of having a look at those young people during this pandemic period, which is difficult time for everyone.

Keywords: Young Authors of Infractional Acts. Project for the future. Didactic-Pedagogical. COVID-19.

INTRODUÇÃO

A vida cotidiana é marcada pelas relações dentro dos grupos sociais. O homem está em contato a todo momento com outras pessoas, relacionando-se, seja no trabalho, nas tarefas de casa ou com grupos de amigos. Bock (2007) pontua que raramente encontramos um sujeito completamente isolado e, constantemente, sofremos influência do conhecimento subjetivo, social e cultural, formando, assim, nossa identidade. Desse modo, o indivíduo é produto e produtor do sistema social.

De acordo com Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003), a construção da identidade ocorre especificamente no desenvolvimento da adolescência, sendo importante para o processo maturacional da vida adulta. Erikson (1972) pontua que essa construção está implicada na definição da formação do sujeito, dos seus valores e das direções que deseja seguir pela vida, sendo influenciada por aspectos intrapessoais, interpessoais e culturais. Portanto, a identidade não está limitada ao período cronológico da adolescência, mas se relaciona com a realização de algumas tarefas, exemplificadas pela carreira e independência econômica.

A socialização com outros indivíduos contribui na forma de agir, assim como nos comportamentos do adolescente que compartilha um mesmo ambiente de trabalho, de modo a construir sua identidade pessoal e profissional. Sarriera, Silva, Kabbas & Lópes (2001) salientam que o processo de construção social, assim como o de identidade, estão presentes na dialética pessoal, na qual o jovem remete à questão de *quem ser*, intimamente referente à escolha vocacional a partir do *quem quer ser*, em concordância com os interesses e habilidades do adolescente.

Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares (2003) pontuam que, ao desenvolver-se cognitivamente e socialmente, o jovem está propício a reconhecer que há muitos trajetos possíveis, que vão além dos ocupados pelos pais. A capacidade de pensar no que poderia acontecer, diante da possibilidade de visualizar sua concretização, resulta na sugestão de tarefas futuras e desenvolvimento da capacidade de percepção de que as alternativas antes vivenciadas no contexto em que está inserido, tornam-se apenas uma entre as probabilidades existentes.

Nesse sentido, a adolescência é caracterizada como um período de transformações e emoções intensas, em que o processo de crise de identidade é evidenciado na realização de questionamentos relativos aos valores existentes e às escolhas que devem fazer, a fim de alcançar seu lugar na sociedade. Salienta-se que o processo de construção de uma identidade impõe a experimentação de diversos papéis sociais, na esperança de encontrar um que lhe seja identificado como sua personalidade, também em construção.

Caracteriza-se o adolescente autor de ato infracional como aquele que cometeu alguma transgressão da lei e, em decorrência disso, está aguardan-

do a sentença judicial ou, por vezes, já recebeu uma determinação judicial prescrita. Nesse sentido, Gomes e Conceição (2014) apontam as medidas socioeducativas direcionadas a esses jovens como auxiliadoras no convívio em sociedade, fortalecendo o laço social de modo que não voltem a cometer atos infracionais. Sendo assim, é necessário que o adolescente se conheça e redefina seu papel social, a fim de corroborar para a superação de situações indisciplinares perante a lei.

DESCRIÇÃO

O Projeto de Extensão Acadêmico teve início por meio de um edital de inscrição divulgado, juntamente com os critérios para a seleção, pela Coordenadoria de Extensão de um Centro Universitário do Vale do Aço/MG. Os acadêmicos aprovados para participarem do projeto eram do curso de Psicologia e, junto a eles, trabalharia a orientadora, professora responsável pelo projeto. O Projeto tem como metodologia a roda de conversa, associada a atividades de caráter informativo e integrado.

A roda de conversa possibilita que o encontro entre as facilitadoras e os adolescentes estabeleça um espaço para melhor comunicação entre os indivíduos e o grupo, compartilhando suas experiências, na qual é ofertado um acolhimento, bem como uma escuta ativa, capaz de estimular o jovem a desenvolver autonomia, protagonismo e resgate da singularidade a partir de reflexões que promovam a ampliação da visão de mundo e perspectiva de futuro (Sampaio, Santos, Agostini & Salvador, 2014).

Essa metodologia possibilita o compartilhamento de conhecimento de cada integrante de maneira individual e subjetiva. Além disso, proporciona que o sujeito expresse suas percepções, ideias e opiniões, a fim de intervir de maneira reflexiva em cada pontuação apresentada pelo grupo, favorecendo o desenvolvimento de potencialidade desses indivíduos.

O projeto de extensão foi realizado em um Centro Socioeducativo localizado na cidade de Ipatinga/MG e contou com a participação de adolescentes entre 12 e 18 anos de idade que cometeram algum ato infracional. O projeto realizou-se em um espaço destinado às intervenções, em uma sala com jovens entre 15 e 18 anos de idade, os quais eram o público de interesse. Os encontros ocorreram no turno vespertino e tiveram a duração de 90 minutos. Nesse período, contou-se com a presença dos agentes socioeducativos que trabalhavam na instituição.

O projeto promoveu intervenções semanais, totalizando seis encontros. Os temas trabalhados foram escolhidos pelo grupo, sendo abordados temáticas acerca das "Possibilidades de ser adolescente", "Mercado de Trabalho", "Projeto de Vida" e "Pandemia do COVID-19".

Na etapa anterior aos encontros, as discentes foram subdivididas em duplas e trios para o planejamento e desenvolvimento dos materiais trabalhados,

bem como na condução das intervenções. Dessa forma, este artigo abordará os tópicos "O caráter didático pedagógico como estratégia de intervenção em tempos de pandemia", "Construção da Identidade e o Ser Social" e o "Projeto de futuro", os quais foram vivenciados de maneira ativa pelas autoras.

O caráter didático pedagógico como estratégia de intervenção em tempos de pandemia

A mudança para o formato *on-line* interferiu nas possibilidades da mediação, sendo que, por vezes, a instabilidade da conexão prejudica a fluidez do encontro. Além disso, as ferramentas disponíveis nas unidades socioeducativas nem sempre são adequadas para que todos possam ver e escutar os mediadores com clareza.

Isso posto, o caráter didático-pedagógico apresenta uma estratégia viável nesse contexto, pautado em intervenções informativas dentro das condições atípicas impostas pela pandemia, que ocasionam perdas nas trocas de experiências, bem como no próprio processo grupal. As ações são baseadas em interações de respeito mútuo, com a promoção de conhecimento acerca das temáticas de interesse dos adolescentes, permeadas por "uma escuta psicológica atenta, sensível às ambivalências, oposições e ambiguidades inerentes à polifonia do grupo" (Cunha, Oliveira & Branco, 2020, p. 8).

Feijó e Oliveira (2001, citado em Silveira, Maruschi e Bazon, 2012) aludem que o desenvolvimento psicossocial na adolescência perpassa por comportamentos de risco, os quais, por um lado, podem ser apenas por questões exploratórias e pela influência do meio; porém, em outros casos, as condutas podem se consolidar no repertório comportamental e acarretar consequências negativas nos níveis individual, familiar e social. Silveira, Maruschi e Bazon (2012, p. 2) pontuam ser na adolescência que "[...] ocorrem processos relacionados a importantes aquisições cognitivas, emocionais e sociais, portanto um período propício para a formação de hábitos e padrões de comportamento".

Nesse sentido, as ações com cunho didático e pedagógico representam uma contribuição importante quando se trata de propiciar conhecimento sobre temas diversos, a fim de mostrar alternativas diferentes da criminalidade. "É fundamental resgatar o papel ativo do adolescente, capaz de rever seu comportamento e construir novos sentidos e rumos para sua existência" (Cunha *et al.*, 2020, p. 7).

Desse modo, o Projeto de Extensão em questão contou com atividades que viabilizaram a construção coletiva de ideias e reflexões, pelas quais os jovens tiveram a liberdade de expressar suas opiniões e, assim, formularem as respostas de suas próprias perguntas, ao passo que as discentes apresentaram-se como mediadoras do processo, fomentando o papel participativo dos

adolescentes e fazendo considerações, quando necessárias, mas sem interferir na síntese criada por eles.

Ressalta-se a importância em abordar temas de interesse dos adolescentes, pois torna-se mais propício de chamar a atenção deles, reforça o papel ativo desses indivíduos, em que cabe decidir o que é relevante ou não colocar em pauta e, ainda, quais caminhos seguir após o processo. “É uma oportunidade de registrar que um espaço punitivo, historicamente destinado a modificar condutas sociais, pode ser reformulado e assumir uma ação questionadora e emancipatória do adolescente [...]” (Moreira, Silva & Martins, 2009, p. 225).

Apesar de a modalidade remota exigir uma nova forma de atuação, ela não exclui a possibilidade de troca, de partilha de experiências e do momento de sanar dúvidas quanto à temática abordada. Os adolescentes podem e devem ter espaço para se expressarem e, de certa forma, darem um *feedback* sobre a eficácia da metodologia, para que, assim, os mediadores possam estar alinhados às preferências desses indivíduos e viabilizar um momento acolhedor, em que os adolescentes sejam ativos no processo e este não se configure como uma apresentação unilateral.

A atuação deve “promover avaliações sobre a adolescência, sem perder de vista a contínua reflexão sobre suas trajetórias de vida [...]” (Moreira *et al.*, 2009, p. 224). Analogamente, apesar das dificuldades que permeiam a modalidade remota, faz-se necessário não desconsiderar a subjetividade do adolescente, isto é, deve-se apresentar uma postura isenta de julgamentos quanto ao curso de vida desse indivíduo; cabe, ainda considerar o potencial humano de fazer novas escolhas não relacionadas à prática de atos infracionais.

Nesse íterim, um dos problemas abordados pelos adolescentes em seus discursos foi a discriminação por parte da comunidade. Cabe ressaltar que os jovens pareceram estar motivados a se qualificarem e a concorrerem no mercado de trabalho, mas, não raro, os adolescentes manifestaram o temor de discriminação pela sociedade, por terem passado pela medida correccional. A partir dessa temática, houve um espaço de trocas, em que foi promovida uma reflexão acerca das possibilidades de superação dos preconceitos que podem surgir ao longo da reinserção na sociedade.

Conforme Oliveira, Moreira, Silva, Marinho e Souza (2019), cria-se a possibilidade de incorporar a diferença como plataforma de ação educativa. Cabe, ainda, ressaltar que

não se trata de ensinar para domesticar. Trata-se de ensinar para mostrar outra realidade, uma realidade em que o adolescente não precise lesar o próximo, como forma de lutar pela visibilidade e por melhores condições de vida. Render-se à violência, às prisões e aos maus-tratos é também submeter-se à lógica de um sistema que impulsiona a violência, para que bem cedo esses jovens sejam afastados da sociedade que não os reconhece (Cella & Camargo, 2009, p. 297).

Ressalta-se que os encontros realizados no ano de 2020, pautados na modalidade remota, possibilitaram, de certa forma, resgatar o papel ativo dos adolescentes e, ainda, permitiram promover reflexões quanto ao Projeto de Vida, tema relacionado com as demandas levantadas por eles.

Dessa forma, considerando-se a nova realidade que se fez presente no ano supracitado, uma das temáticas solicitadas pelos adolescentes foi obter mais informações sobre o contexto da pandemia e as suas implicações biopsi-sociais. Dentre as medidas de prevenção da COVID-19, houve a suspensão das visitas familiares no Centro Socioeducativo, além da interrupção das saídas para realizações de atividades de reinserção social, direito de alguns jovens. Nesse sentido, os adolescentes mencionaram sentimentos de angústia e ansiedade devido às mudanças impostas por outro tipo de isolamento social a pandemia, ilustrada pela fala que "só fez eles perderem os benefícios".

Em outro momento, foi exposto o sentimento de tristeza gerado pela situação atual, exemplificado pelo relato de um dos jovens, que diz ter medo de deixar a família preocupada pela possibilidade da contaminação com a COVID-19. Nesse sentido, houve o compartilhamento da aflição por não saberem ao certo se os familiares estão bem e saudáveis e, com isso, um dos integrantes do grupo contou não saber o que faria caso algum parente contrair a doença.

Então, por meio da escuta dos sentimentos e questionamentos desses indivíduos acerca do assunto abordado por esses jovens, o caráter didático possibilitou apresentar a eles a necessidade das medidas adotadas para a prevenção da doença, além de viabilizar um ambiente propício à formulação de considerações quanto à importância de cuidar da própria saúde e da de seus familiares. Conforme Cella e Camargo (2009), é importante discorrer sobre as doenças para que, a partir disso, seja possível estimular reflexões a respeito das condições de higiene, habitação e qualidade de vida.

Em um dos grupos, durante o encontro que abordou o tema Projeto de Futuro, levantaram-se questões sobre o receio e a angústia em relação às oportunidades que terão ao sair do regime socioeducativo, uma vez que esse período de pandemia é marcado pela incerteza dos acontecimentos nos próximos anos. Assim, fizeram-se perceptíveis o anseio e a preocupação pelo futuro dos jovens autores de ato infracional no que se refere à ressocialização em meio a uma realidade atípica.

A construção da Identidade e o Ser Social

Considera-se identidade um processo construído a partir da interação dialética do sujeito com o mundo externo ao compartilhar objetivos, regras e valores, os quais interferem diretamente na sua visão de mundo e construção social (Fernandes & Zanelli, 2006). Segundo Berger e Luckmann (2003), a identidade é um fenômeno que deriva da relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, resultando nas interações com o mundo externo e seu ambiente social. Logo, a identidade caracteriza-se pelo conjunto de suas vinculações

em um sistema social, permitindo que o indivíduo se localize e seja localizado socialmente (Cuche, 1999).

Fernandes e Zanelli (2006) trazem que a construção social da identidade pode ser desenvolvida em diversos contextos, em que um ambiente saudável e acolhedor favoreça aprendizados, interesses, relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, contribuía para a formação do sujeito a partir de suas preferências e identificações. Alves (2015) ainda ressalta que, na adolescência, as mudanças maturacionais e emocionais estabelecem uma nova identidade. Assim, a mesma autora complementa que "dentre estas mudanças pode-se elencar o início da escolha profissional; a busca pela autonomia; pelo ingresso na vida sexual; pelos conflitos familiares e de caráter emocional, as transformações orgânicas e as inconstâncias hormonais, entre outros" (Alves, 2015, p. 10).

Dessa maneira, Sawitzki (2012) cita que a construção da identidade de cada sujeito refere-se aos papéis exercidos ao longo da vida, especialmente àqueles relacionados à área profissional. Nesse contexto, a socialização com outros indivíduos contribui na forma de agir, assim como nos comportamentos do adolescente que compartilha um mesmo ambiente de trabalho, de modo a construir sua identidade pessoal e profissional.

Sarriera *et al.* (2001) salienta que o processo de construção social, tanto como o de identidade está presente na dialética pessoal, na qual o jovem é remetido à questão "Quem eu sou?", intimamente referente à escolha vocacional a partir do "Quem eu quero ser?"; em concordância com os interesses e habilidades do adolescente. Assim,

a escolha ocupacional é o reflexo de como é vivenciada a sua crise de identidade, lançando mão de suas capacidades em prol de uma atitude ocupacional. Esta "maneira" de lidar institui, portanto, a identidade ocupacional, que é um colocar-se no mundo de forma a responder aos anseios, expectativas e habilidades do "eu" adolescente, resultando na escolha de uma profissão (Sarriera *et al.*, 2001, p.28).

Nessa perspectiva, Ribeiro e Léda (2004) apontam a necessidade que o adolescente encontra de assumir responsabilidades e colocar-se frente à vida adulta; refletindo uma grande transformação no seu papel no mundo, ao provocar questionamentos, dúvidas e incertezas. Assim, conforme novas oportunidades vão surgindo, há a redução gradual da lista de possibilidades construídas pelo adolescente, optando por uma profissão que seja de seu interesse e compatível com suas aptidões. Entretanto, muitos jovens apresentam percalços na construção e elaboração da identidade, não se sentindo pertencentes ao grupo ao mesmo tempo que não compartilham da mesma visão e valores dos demais, dificultando a tomada de decisões e a escolha profissional (Ribeiro & Léda, 2004).

Portanto, os jovens no processo de desenvolvimento de sua identidade ocupacional demonstram nível de expectativa significativo em relação à es-

colha de uma profissão e, quando seu desejo não é concretizado, por vezes optam por buscar outras formas ocupacionais a fim de realizar seus desejos. Nesse viés, acredita-se que projetos ou programas atrelados a projetos futuros a partir de intervenções de caráter pedagógico, podem contribuir para melhor prepará-los para o mercado, com a finalidade de compreenderem com maior clareza um espaço de reflexão para desenvolvimento de novas metas e objetivos.

Segundo Moreira *et al.* (2009, p. 224) “vale ressaltar a importância de uma escuta capaz de identificar: a dinâmica dos arranjos familiares a que os adolescentes estão vinculados e suas principais demandas, os elementos socioeconômicos importantes e as relações construídas [...]”, para que, assim, seja possível alinhar as intervenções à realidade desses indivíduos e que, de certa forma, seja algo com sentido.

No tangente à temática em questão, os dois grupos manifestaram desejo em obter mais conhecimento sobre mercado de trabalho e sobre as oportunidades de emprego, momento em que falaram sobre as expectativas para quando saírem do Socioeducativo. Ao serem questionados sobre a importância de trabalharem, os jovens trouxeram sentimentos voltados para a garantia de uma vida melhor, tanto para eles quanto para a família. Foi relatado o interesse da realização do trabalho formal, por meio da prestação de um serviço de qualidade. Por vezes, evidenciaram o interesse em seguir a profissão de algum familiar com o qual haviam trabalhado, a partir da facilidade em aprender um ofício por meio da imitação das tarefas realizadas pelos parentes.

Outrossim, um dos jovens revelou o desejo em ser policial, tendo como motivação as vivências em que presenciou dentro da instituição a abordagem junto a outros adolescentes e gostaria de trabalhar de forma parecida, visando acabar com o crime. Nessa perspectiva, a tomada de decisão acerca da profissão a ser abraçada sofre influência das relações interpessoais e do ambiente no qual o jovem está inserido, de modo que

o processo da escolha profissional, portanto, encontra-se sobreposto a uma complexa rede de fatores que comporta tanto uma dimensão individual quanto social, envolvendo influências do meio familiar, dos grupos de pares, da formação educacional, do mundo do trabalho e mais amplamente do contexto social, político, econômico e cultural (Almeida & Melo-Silva, 2011, p. 75).

Assim, ainda que a escolha profissional desses jovens não esteja consolidada por ser passível de alterações e ressignificações, nota-se o impacto do contexto social relacionado às profissões. Analogamente, é possível relacionar tal afirmação com as intervenções realizadas no Centro Socioeducativo, em que, por meio dos diálogos realizados ao longo dos encontros virtuais foi possível perceber que o ambiente familiar, bem como a própria condição de interno apresentaram-se como influenciadores da decisão laboral.

Sabe-se que a família constitui um dos pilares na estruturação da personalidade ocupacional, pois transmite valores, conceitos e mitos que podem influenciar diretamente na decisão da escolha profissional, tanto positiva quanto negativamente, sendo uma prática impeditiva de um processo de escolha autônoma (Almeida; Melo & Silva; 2011).

Observa-se que as práticas desenvolvidas durante os encontros oportunizaram novas formas de construção de identidade ocupacional, considerando-se que foram apresentadas temáticas que abordavam dúvidas e expectativas a respeito de questões do trabalho, auxiliando assim a compreensão da realidade prática de cada profissão.

Assim, no processo de decisão ocupacional, deve-se respeitar a identidade subjetiva do sujeito, sendo essa construída ao longo de sua história, ao mesmo tempo que trabalha sua identidade profissional. Por fim, as atividades trabalhadas na extensão objetivaram auxiliar no processo de descoberta na construção de identidade ocupacional e na conscientização da identidade pessoal.

Nessa perspectiva, no intuito de abordar a temática a respeito do mercado de trabalho e sobre profissões do interesse dos adolescentes, as alunas extensionistas apresentaram técnicas grupais para interação referente ao tema do encontro, bem como, uma abertura na qual os jovens tiravam dúvidas e compartilhavam experiências.

Projeto Futuro (Projeto de Vida)

A adolescência é um período em que o jovem passa por diversas transformações e tomadas de decisões importantes para a construção do projeto de futuro (Estevam, Formiga & Coutinho, 2020). Para que os jovens construam um projeto de futuro, é importante a atuação no presente para, assim, obterem as metas traçadas (Serrão & Balleiro, 1999).

Velho (1999 como citado em Koerich, 2018) apresenta projetos como uma construção a partir do possível dentro da realidade na qual o indivíduo está inserido. Segundo Serrão e Balleiro (1999), no período da adolescência são feitas escolhas e é iniciada a construção de projetos em que o jovem se utiliza da sua trajetória até então, bem como a sua visão sobre si mesmo.

Koerich (2018) aponta que "a análise dos projetos de futuro possibilita uma compreensão da relação entre a trajetória individual e a realidade na qual está inserida" (Koerich, 2018, p. 40). Ademais, a autora apresenta que projetar o futuro é uma prática complexa e as relações sociais do indivíduo contribuem para a construção de seu caminho. Ela ainda relata que os projetos não são apenas expectativas ou reproduções de gerações passadas, mas uma construção com base na realidade presente.

Conforme Pedro e Lima (2018), atualmente o ser humano tem o trabalho para além do aspecto de papel social, em direção aos processos de subje-

tivação. De acordo com Souza (2007), se o indivíduo estiver em situação de desigualdade, as suas possibilidades, bem como as suas escolhas, ficam limitadas; porém, ainda há como se movimentar socialmente e promover mudanças, embora pequenas. Nessa perspectiva, Jacques (1997 como citado em Pedro & Lima, 2018) ressalta a interligação entre a identidade e o trabalho. Clot (2006) ressalta que o trabalho contribui para a formação do sujeito, pois há um sentimento de utilidade e contribuição para construção do meio ao qual ele pertence.

Ao entrar no mercado de trabalho, segundo as autoras Rizzo e Chamon (2010), o adolescente possui um desenvolvimento intelectual e pessoal transformador, o que possibilita o aumento da autoestima e o sentimento de responsabilidade, bem como, maior liberdade.

Pedro e Lima (2018) indagam se os jovens que estão em centro socioeducativo possuem alguma experiência de trabalho, sendo alguns informais, podendo ser de forma legal ou ilegal. Dessa forma, torna-se comum ouvir desses jovens termos que expressam as atitudes anteriores com atos infracionais e a perspectiva de querer agir de forma legal quando cumprirem a sentença. Jacobina e Costa (2007) apontam que o trabalho pode servir como uma das ferramentas que auxilia no processo socializador do adolescente.

Em relação aos encontros, os jovens discutiram sobre questões acerca do futuro, especialmente quando saírem do Centro Socioeducativo e, dentro dessa temática, expuseram, além da vontade de trabalhar, a necessidade de construir um plano de vida que os ajude a conquistar as suas metas, tais como ajudar a família financeiramente, o sonho de construir uma casa própria, ter estabilidade financeira e, ainda, o desejo em constituir uma família.

Assim, foi possível promover intervenções que abordem sobre planejamento de carreira e os demais assuntos que surgiram ao longo dos encontros, estabelecimento de metas e planos futuros, estimulando no adolescente a autonomia e o protagonismo frente às suas escolhas.

Segundo Bock, Gonçalves e Furtado (2001) é importante ofertar ao sujeito melhores condições de vida para que seu potencial natural possa se desenvolver. A partir da perspectiva sócio-histórica é possível que o indivíduo adquira um compromisso social no qual a intervenção ofertada proporcionará, ao jovem, um posicionamento crítico diante de condições para realização do sujeito como ser social (Bock, Furtado & Teixeira; 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a pandemia exigiu uma reestruturação das práticas extensionistas junto aos jovens autores de ato infracional que cumprem pena em centro socioeducativo, no qual os indivíduos ficam reclusos e isolados, uma vez que as visitas durante esse período foram suspensas.

Dessa forma, a modalidade remota se apresentou como uma aliada no processo, ainda que com algumas limitações práticas. À vista disso, foi necessário dar um novo sentido para esse método, sendo pautado em intervenções informativas com caráter didático, que oportunizaram contribuir efetivamente para o desenvolvimento de estratégias individuais e sociais para o enfrentamento das adversidades, principalmente fora do ambiente institucional.

Ademais, viabilizou-se a compreensão sobre diversas temáticas de interesse dos adolescentes infratores, as quais, por vezes, não são discutidas nas unidades socioeducativas, bem como permitiu-se fomentar reflexões acerca das possibilidades existentes para além da criminalidade.

O projeto proporcionou vivências de suma importância para a formação das alunas extensionistas, uma vez que possibilitou a construção conjunta de medidas de superação das adversidades permeadoras das intervenções *on-line*. Por fim, as práticas contribuíram com o aprendizado e o crescimento acadêmico, bem como propiciaram relacionar a teoria com a prática vivenciada e, ainda, possibilitaram incentivar reflexões acerca das temáticas propostas pelos jovens envolvidos no processo.

REFERÊNCIAS

Almeida, F. H. de, & Melo-Silva, L. L. (2011). Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. *Psico-USF*, 16(1), 75-85. <https://www.scielo.br/pdf/pusf/v16n1/a09v16n1.pdf>.

Alves, S. C. A. (2015). *Trajetória profissional e projeto de futuro dos alunos das escolas técnicas do Vale do Aço* – MG. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-17072015-115737/publico/alves_corrigida.pdf.

Berger, P.L., & Luckmann, T. (2003). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.

Bock, A.M.B., Gonçalves M.G.M., & Furtado, O (Orgs). (2001). *A Psicologia Sócio-Histórica: Uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez. <https://blogpsicologiablog.files.wordpress.com/2011/08/a-psicologia-socio-historica-uma-perspectiva-crc3adtica-em-psicologia-bock-2001.pdf>.

Bock, A.M. B, Furtado, O., & Teixeira, M., L., T. (2008) *Psicologias – uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, p. 72 a 86.

Bock, A. M. B. (2007). *A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores*. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.

Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1999).

Cella, S. M., & Camargo, D. M. P. (2009). Trabalho pedagógico com adolescentes em conflito com a lei: feições da exclusão/inclusão. *Educação & Sociedade*, 30(106), 281-299. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000100014&lng=pt&nrm=iso.

Cuche, D. (1999) *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.

Cunha, G. G., Oliveira., M. C. S. L. & Branco, A. U. (2020). Universo afetivo-semiótico de adolescentes em medida socioeducativa de internação. *Educação e Pesquisa*, 46, e220197. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022020000100555&lng=en&nrm=iso

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Estevam, I. D., Formiga, N. S., & Coutinho, M. da P. de L. (2020). Adolescência, violência e projeto de vida: um estudo das representações sociais com adolescentes. *Psicologia E Saúde Em Debate*, 6(2), 1-17. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V6N2A1>.

Fernandes, K. R., & Zanelli, J. C. (2006). O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea*, 10(1), 55-72. <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-6552006000100004>.

Gomes, C. C., & Conceição, M. I. G. (2014). Sentidos da trajetória de vida para adolescentes em medida de liberdade assistida. *Psicol. estud.*, Maringá, 19(1), 47-58. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000100007&lng=en&nrm=iso.

Jacobina, O. M. P., & Costa, L. F. (2007). "Para não ser bandido": adolescentes em conflito com a lei e trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10(2), 95-110. <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/149242/156064>.

Koerich, B. R. (2018) *Entre trajetórias, desejos e (im)possibilidades: projetos de futuro na socioeducação de meio aberto*. Dissertação (pós-graduação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Escola de Humanidades. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Mestrado em Ciências Sociais. <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/13045/1/000489991-Texto%2B-Completo-o.pdf>.

Moreira, C. A. B. D., Silva, A., & Martins, S. A. (2009). Recuperando vidas: uma proposta de atendimento. *Interface*, Botucatu, 13(30), 221-227. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000300018&lng=en&nrm=iso.

Oliveira, L. C. P., Moreira, J. O., Silva, B. F. A., Marinho, F. C., & Souza, J. M. P. (2019). Curso de vida, adolescentes e criminalidade: uma leitura a partir do PIA. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, 31 (80), 1-18. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822019000100228.

Pedro, F. R. A. O., & Lima, M. E. A. (2018). De "bandido" a "trabalhador": um estudo sobre a relação dos jovens com o trabalho a partir das medidas socioeducativas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, 21(1), 61-71. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172018000100005&lng=pt&nrm=iso.

Sampaio, J., Santos, G. C., Agostini M., & Salvador A.S. (2014). Limits and Potentialities of the Circles of Conversation: Analysis of an Experience with Young People in the Backcountry of Pernambuco, Brazil. *Interface*, Botucatu, 2(18), 1299-1312. <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse--18-s2-1299.pdf>.

Sarriera, J. C., Silva, M.A., Kabbas, C. P., & Lopes, V. B. (2001). Formação da identidade ocupacional em adolescentes. *Estudos de Psicologia*, Natal, 6(1), 27-32. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2001000100004>.

Sawitzki, R. C., Lorenzetti, J.V., Griza, A., & Oliveira, L.Y. M. de. (2012). Sentido, significado do trabalho e identidade nas atividades de tutoria em educação a distância. *Anais EnANPAD*. Rio de Janeiro.

Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E. F. M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, Natal, 8(1), 107-115. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>.

Serrão, M., & Baleeiro, M.C. (1999). *Aprendendo a ser e a conviver*. São Paulo.

Silveira, M. A. S., Maruschi, M. C., & Bazon, M. R. (2012). Risco e proteção para o engajamento de adolescentes em práticas de atos infracionais. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, 22(3), 348-357. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822012000300011&lng=pt&nrm=iso.

Souza, A. B. de. (2007) Biografia e escrita da História: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. *Revista Universitária Rural: Série Ciências Humanas*. Seropédica, RJ: EDUR, (29)1, 27-36.

Ribeiro, C.V. S., & Léda, D.B. (2004). O significado do trabalho em tempos de reestruturação produtiva. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(2), 76-83. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000300006&lng=pt&tlng=pt.

Rizzo C. B. S., & Chamon E. M. Q. O. (2010). O sentido do trabalho para o adolescente trabalhador. *Trabalho, Educação e Saúde*, 8(3), 407-417. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462010000300004.

Data de submissão: 20/12/2020

Data de aceite: 12/04/2021